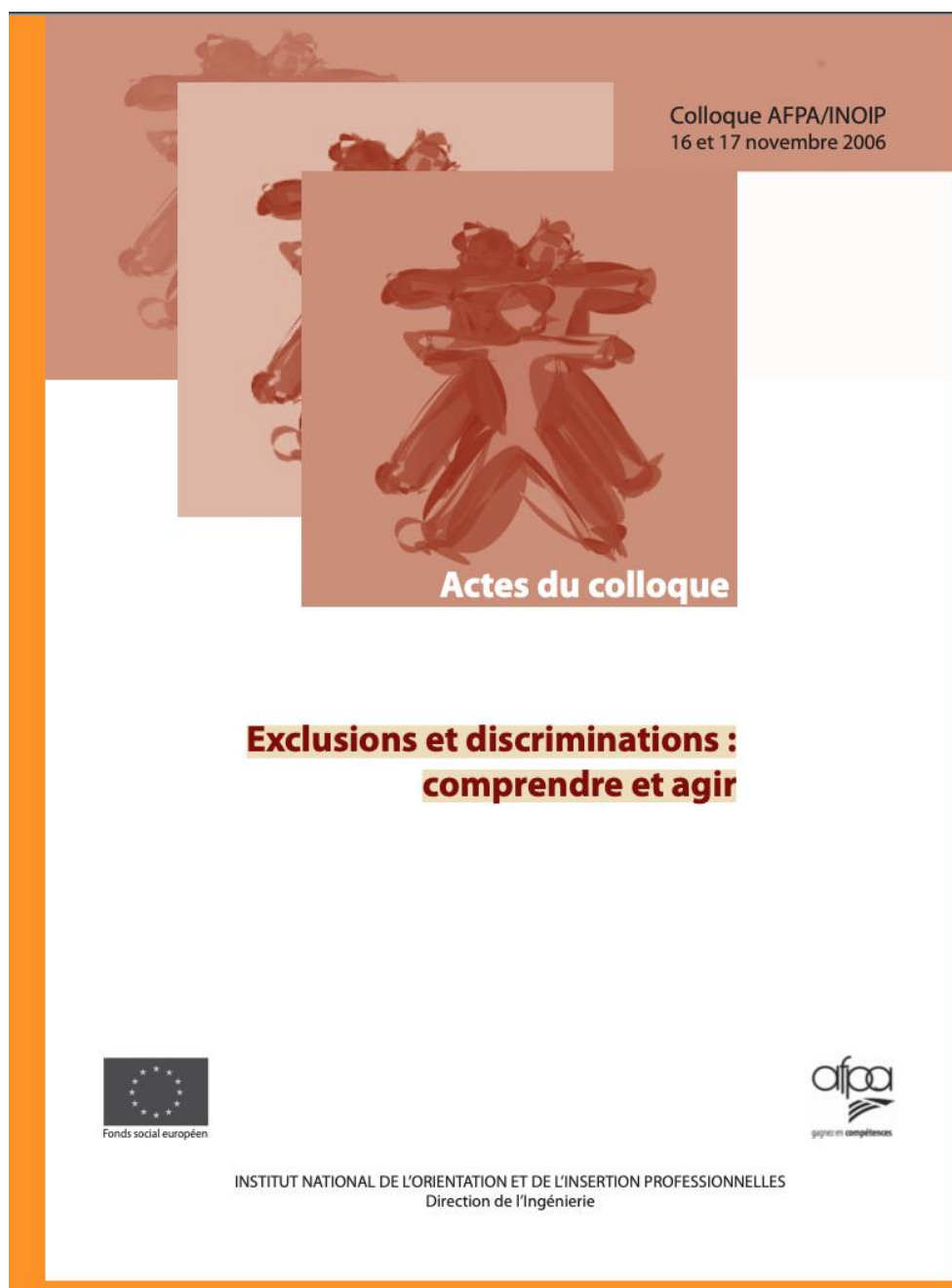


# Exclusão e discriminação: compreensão e actuação

Colóquio AFPA-INOIP sobre a exclusão Lille 16-17 de Novembro de 2006



Apresentação da Conferência Bruno SIMON (AFPA - Director INOIP)

## Oradores:

Jérôme DI GIOVANNI (ACCÉSSS - Alliance des communautés culturelles pour l'égalité dans la santé et les services sociaux - Montréal Canada) A segregação das pessoas com deficiência e o direito à igualdade de resultados 9-12

**Pierre TAP (Centro Europeu de Investigação sobre Conduta e Instituições - CEICI - Portugal) Os efeitos da exclusão e da discriminação sobre a identidade pessoal e colectiva**

**13-24**

Ahsène ZEHRAOUI (LISE CNRS CNAM - Paris) Jovens e integração - Curso de Obstáculos 25-30

Michel MERCIER (Universidade de Namur - Bélgica) Não-discriminação, discriminação positiva e inclusão social das pessoas com deficiência 31-36

David BOURGUIGNON (Universidade de Lovaina - Bélgica) Estou desempregado, estou estigmatizado

37-44

Geneviève VINSONNEAU (Universidade de Paris V) Heterofobia e construção social do estrangeiro 45-52

Sid Ahmed ABDELLAOUI (Universidade de Rouen) A onnipotência do racismo mascarado ou como trazer à consciência o que está em acção nas nossas relações com as minorias visíveis estigmatizadas 53-58

Christophe ANDRE (Universidade de Paris X) Rejeição social e auto-estima 59-64

Lucie LAMARCHE (Universidade de Sherbrooke - Canadá) O lado negativo da exclusão profissional 65-70

Denis CASTRA (Universidade de Bordeaux) Exclusão profissional como consenso 71-74

Raul MELO (Ministério da Saúde, Instituto da Droga e da Toxicodependência - Portugal) Era uma vez, ...num mundo diferente ou criando contextos de integração social através da peça 75-82

Jean-François AMADIEU (Universidade de Paris I) Como pode ser identificada a discriminação? Que ferramentas de medição estão disponíveis? 83-90

Dirk STEINER (Université Nice - Sophia Antipolis) Percepções de justiça como mecanismo para compreender e combater a discriminação no emprego 91-96

Claude LEMOINE Após a palavra 97-98

# Os efeitos da exclusão e da estigmatização sobre a identidade pessoal e social

Pierre Tap <sup>1</sup>

## Introdução

Há um debate metodológico constante entre os investigadores das ciências humanas e sociais sobre a difícil articulação entre explicação científica e compreensão subjectiva de situações e objectos de investigação. Sempre defendi a necessidade desta articulação, que nos obriga a navegar entre histórias de vida individuais ou colectivas e estudos de caso, por um lado, e investigação rigorosa e quantificável sobre grandes amostras, por outro.

Mas será possível definir populações identificáveis como 'excluídas'? Isto porque a própria noção de identidade social implica a atribuição identificável de uma categoria acompanhada de qualificadores. Gostaria de mostrar aqui a necessidade de analisar a exclusão, tanto como uma realidade objectiva como um sentimento experiente, na sua relação complexa com múltiplas identidades colectivas e com a identidade pessoal. Mas como fiz na minha apresentação oral em Lille, começarei a reflectir convosco a partir de um encontro que descrevi como "questionamento", tanto em termos pessoais como teorísticos, sobre a identidade de um sem abrigo e a minha própria identidade em relação à exclusão e estigmatização.

## Uma reunião de "interrogatório

É quinta-feira, 24 de Março de 2005. De Pamiers, tenho de ir a Toulouse para uma reunião de sensibilização sobre a terapia Rogeriana <sup>2</sup>(à noite, no Centre Naissance à l'écoute) e para a defesa da tese de Alexandra (no dia seguinte). Quero apanhar o comboio, mas está planeado um autocarro para a estação Auterive (30 kms; 20 minutos) onde apanharemos o comboio para Toulouse. Está lotado, sento-me do lado da janela, há um lugar livre à minha direita, no lado do corredor. Vejo um homem chegar, "estilo sem abrigo" (!), obviamente bêbado. À distância, apontando o dedo na minha direcção, ele grita: "Vou ao lado do velhote"! <sup>3</sup>(Ele senta-se fortemente ao meu lado, olha-me fixamente... Eu faço o mesmo! Eu faço o mesmo! - (Ele) L. "Os velhos... Eu respeito-os", diz ele, acariciando a lapela do meu casaco... Quem é você? A tua raça?" <sup>4</sup>diz ele, olhando atentamente para o que ele vai chamar a minha "pasta"

---

<sup>1</sup> Professor emérito de psicologia na Universidade de Toulouse Le Mirail, Co-fundador do Centro Europeu de Investigação sobre Comportamento e Instituições (CEICI, Coimbra, Portugal). Membro do Centre de Recherche sur la Formation (CNAM, Paris) Sítio Web oficial: [www.pierretap.com](http://www.pierretap.com).

<sup>2</sup> O facto de eu ser um terapeuta Rogério (identidade profissional) tem naturalmente um lugar importante na orientação da minha identidade pessoal e, além disso, ver-me-ei questionado sobre ela na relação cuja intrusão estou aqui a contar.

<sup>3</sup> Devo salientar que ele tinha a escolha de vários lugares livres no autocarro. Porque escolheu "sentar-se ao lado do velhote"? Suponho que porque eu estava a olhar para ele, enquanto nós normalmente tendemos a baixar a cabeça e a não olhar para os sem-abrigo na cara?

<sup>4</sup> As classes sociais, profissões, etc., são assim rotuladas como "raças". Mais tarde regressa às "raças" (diferenças sociais e culturais). Reagi dizendo que discordava. "Eu sou anti-racista... Somos todos iguais. Ele concordou,

ou "bolsa" (pasta) ... "Com a tua pasta de couro, quem és tu?" Claro que esta intrusão violenta me faz sentir desconfortável no início... No entanto, estou a pensar nas atitudes Rogerianas na terapia (empatia, congruência, positividade incondicional), mas neste contexto não é óbvio! Estar centrado na pessoa, ouvi-la, mesmo que me questionem em modo policial! - L. (Ele) Tem uma boa cara! - M. (Eu) Como o Pai Natal! Ele fica furioso ... Até sinto que ele me vai bater. - L. Não, deixe o Pai Natal em paz (não acredito!); Não estás a responder às minhas perguntas! O que é que fez esta manhã? Decidi responder-lhe e ter um verdadeiro diálogo ... - M. Eu li - L. O que leu? - M. Uma tese sobre deficientes, cegos e surdos ... - L. Ah, um professor! ... O que tem na sua mala ... Abra a sua mala! (Interiormente, sorrio, pensando que ele quer que eu "esvazie a minha mala", para dizer tudo sobre o que eu sou! Definição de ser por ter: rosto, corpo, toalha...). - M. No meu saco tenho a tese de Alexandra que será defendida amanhã em Toulouse .... - L. Ah! Abra a sua mala, mostre-me a tese! Abro o saco, tiro a tese e mostro-lha. ... A sua atitude muda, como se a minha resposta fosse um sinal de confiança nele. Lê atentamente e em voz alta o título "A experiência psicológica dos adolescentes com deficiência sensorial: auto-estima, sentimentos de integração, stress, estratégias de sobrevivência e auto-orientação em adolescentes com deficiência auditiva e visual" ... Parou nas palavras "psicológico" e "sobrevivência" mas não fez nenhuma pergunta. Lê depois "os membros do júri". - L. "Mas então, o senhor é um juiz". Explico-lhe que nem todos os júris são "judiciais"! - L. Isso é bom... A capa é bonita<sup>5</sup>, mas o importante é o que está por baixo! Ele folheia a tese e finge duas vezes devolvê-la, depois retira-a (como se para testar a minha confiança: este precioso objecto que eu poderia roubar-vos...). Finalmente ele devolve-me, satisfeito... Tenho algumas dificuldades em colocar a tese de volta na pasta; ele percebe os meus tremores. - L. Espera, eu ajudo-te... Não tenhas medo de mim! - M. Estou a tremer desde criança... Não tem nada a ver contigo! Depois pergunta-me sobre a minha deficiência e as suas origens, e depois sobre as minhas próprias origens. - L. Eu respeito os idosos porque eles viveram coisas que nós não vivemos... Estiveste na Resistência? - M. Não, eu era uma criança durante a guerra. L. Mataste alguém? - M. Não - L. Eu fiz... (seguido de frases gaguejadas e silêncio) (...) - L. Qual é o seu primeiro nome? - Sr. Pierre - L. Bem, Sr. Pierre, o senhor é simpático. Vamos apertar a mão. Propôs este ritual de comunicação quatro vezes nos minutos seguintes; mas na quinta vez estendeu o seu dedo indicador e pediu-me para o tocar com o meu dedo indicador... Só entendi o significado deste gesto no dia seguinte, em relação à capa da tese e à criação de Adão (ver nota 5). O aperto de mão pontua um acordo ou uma situação comparável. - L. Tem uma namorada? - M. Não, eu vivo sozinho - L. Eu também! (aperto de mão!) ... Já teve um? - M. Sim, mas estou divorciado. - L. Eu também! (paluche) ... Bateu-lhe?! - M. Não! - L. Fui eu! (sem pata!) - L. O que lhe fizeste?... - M. Tivemos as nossas diferenças (!) - L. Ninguém é perfeito! Ele associa a auto-estima às perguntas que faz: - "Essa é uma boa pergunta, não é? Em várias ocasiões, ele fala de si próprio, sem qualquer ligação com as suas perguntas. Mas estas questões são uma forma de se valorizar e de testar a confiança que ele pode depositar em mim. Soube, por exemplo, que ele vem de Andorra, onde comprou cigarros para vender em França. Como resultado, apetece-lhe fumar, mesmo que seja proibido no autocarro. Apontei-lhe isto. Ele ignora-o e acende o seu cigarro. O motorista lembra-me que é proibido fumar. "É um pouco rico que não se pode passar sem ele durante quinze minutos". O meu interrogador apaga então o seu cigarro esmagando-o na sua unha do polegar! Alguns segundos mais tarde, ouve um telemóvel a tocar. Ele vira-se para o jovem e diz: "Se alguém perguntar por mim, você diz que eu não estou aqui! - L. Então é psiquiatra? - M. Não, eu sou psicólogo. - L. Ah, isso fica-me bem!

---

mas lamentou ter sido "enganado" pelas suas contradições ("OK, que se lixe! Ele apanhou-me!"), prova de que estava a viver a situação como uma luta...

<sup>5</sup> É de notar que a imagem de fundo na capa representa a mão de Deus e a mão de Adão, simbolizando a "criação de Adão", a obra de Miguel Ângelo. -

Mas você é freudiano ou lacaniano? - M. Nenhum dos dois, eu sou Rogério" - L. Quem é, Roger (Rogé)? - M. Não, Rogers (Rodgersse), Carl Rogers, que propôs uma terapia centrada na pessoa. - L. Escreva o seu nome! - M. Eu não tenho papel. Ele tira do seu bolso um pedaço de papel oleoso, do tamanho de quatro carimbos. Escrevo <sup>6</sup>. Encolhe o papel com satisfação e diz-me: - L. É importante para mim, o que acabou de fazer... - L. Na terapia, acontece que uma pessoa muda das palavras que falou? - M. Provavelmente, mas raramente o sabemos ... Ou vinte anos mais tarde! Mas o importante é o que a pessoa descobre por si própria. - L. E o terapeuta pode mudar? - M. Claro, ele também está envolvido. Ele começa a bater com muita força na parte superior da toalha (ao ponto de lhe doer os dedos) e diz - L. "Isso é muita coisa aí dentro! - L. Eu gosto de poesia... Nerval... Baudelaire... E quem é o seu poeta preferido? - M. Estes dias, Du Bellay, porque escreveu "Feliz que, como Ulisses, fez uma bela viagem e depois voltou cheio de utilidade e razão para viver entre o seu próprio povo para o resto da sua vida" <sup>7</sup> e isso corresponde bem às minhas preocupações (como reformado!)... - L. Ah, sim, Du Bellay, poeta da Idade Média... Gostaria também de sugerir uma frase: "É preciso ter vivido o caos interior para ver a vida com a beleza de uma estrela cadente" <sup>8</sup>(Ele associa esta frase a Nietzsche). Agora, o que deseja? - M. Tenho de fazer uma operação à vesícula biliar. Eu gostaria que corresse bem! - L. Bem, vou parar de fazer perguntas agora ... Mas você deve comer menos rico! Ele não vai dizer o que gostaria, porque chegamos à estação Auterive. Antes de sair, ele propõe-se beijar-me. O que nós fazemos. Ele sai e vai falar com o chefe da estação. Entro no comboio. Ao passar no corredor, ele vê-me e diz: "És tu? (Como se para se convencer de que não tinha sonhado com o nosso diálogo!), "sim". Depois vira-se para dois viajantes próximos e diz: "Reconheceste-o? é ele! Ele é o meu mentor! Todo este cenário durou menos de vinte minutos! Mas era teatro ou cinema? Durante estes 20 minutos, o autor da pergunta, cujo nome, nome e apelido não sei, conseguiu falar comigo, obter muitas informações sobre mim, e revelar um mínimo de informações sobre si próprio. E no entanto... tive a sensação de que algo lhe tinha acontecido também. Devo dizer que a partir do momento em que decidi "falar a verdade" (congruência) já não conseguia cheirar o seu álcool, já não conseguia ver as feridas no seu rosto, estava concentrado nos seus olhos, móvel e vivo. Depois, disse a mim mesmo que aqueles 20 minutos eram a terapia mais curta da minha vida profissional... Era centrada na pessoa, sim, mas qual deles? O meu próprio? Certamente o seu? Talvez, ambos? Sem dúvida! Aparentemente, não há nada de Rogério neste diálogo, e nada de terapêutico... e ainda...! ... Algo de importante aconteceu para ambos os protagonistas... ..

## Os efeitos do envolvimento pessoal no objecto de investigação

Gostaria de terminar esta reunião esclarecendo alguns pontos essenciais para a compreensão desta história e a forma muito envolvente como a conto.

1. Fiquei obviamente "marcado" por este encontro inesperado porque, ao mesmo tempo, um dos meus próprios filhos desapareceu durante vários meses, só voltando à superfície quando o

---

<sup>6</sup> O facto de eu ter escrito Karl e não Carl mostra que eu não estava totalmente sereno!

<sup>7</sup> Após verificação: Du Bellay não estava apenas a falar de Ulisses, mas também de Jason que conquistou o Velo de Ouro. Ele diz "para viver entre os seus pais..." e não "para viver entre os seus". Estes são erros e omissões significativos para mim! Acabo de regressar para viver na cidade da minha infância.

<sup>8</sup> Eu não conhecia esta referência e não fui verificar. Mas um colega português chamou-me a atenção para a frase de Nietzsche inscrita numa estação de metro de Lisboa: "É preciso muito caos (interior) para dar à luz uma estrela cadente".

tempo frio chegou e contando-nos como tinha vivido a vida dos sem abrigo em Paris... entre a sua partida, depois do seu quadragésimo aniversário, <sup>9</sup>e o seu regresso no Natal;

2. Conteí imediatamente a todos os meus parentes esta "história do autocarro", que foi intensamente vivida como significativa para a minha própria identidade narrativa<sup>10</sup>. Tive então a oportunidade de observar a importância dos efeitos de memória. A minha história foi completada com cada nova "narração" e à medida que certas partes do diálogo regressavam a mim;

3. Foi por isso que decidi escrever, mas também contar e publicar esta parte da minha vida privada, que foi tão fortemente questionada pelo questionador desconhecido. Para cada investigador, "o eu é odioso" e, no entanto, intervém necessariamente na forma de escolher e tratar um objecto de investigação. A negação destas influências implícitas e muitas vezes voluntariamente escondidas ou camufladas não altera a sua realidade. Se o leitor ficar chocado com a minha abordagem, peço desculpa, mas como Paugam correctamente assinala, a fim de compreender os processos de exclusão, ou desqualificação social no trabalho, duas dimensões principais devem ser trazidas em jogo:

\* A um nível macro sociológico, as representações colectivas e sociais ligadas a estes fenómenos que facilitam a elaboração de "categorias" (de identidade) de pessoas consideradas "pobres", "precárias" ou "excluídas". Estes processos de categorização são construídos através de instituições de assistência social, formas institucionais de intervenção social (públicas ou privadas) <sup>11</sup>

\* A um nível micro sociológico<sup>12</sup>, há que ter em conta o significado que as populações (indivíduos) dão à sua experiência vivida, os comportamentos que adoptam para com aqueles que os percebem e os designam como "excluídos", e os modos de adaptação que desenvolvem nas várias situações com que são confrontados (Paugam, 2002, 2001, 1996, 1993). (Estas observações aplicam-se também ao próprio investigador, que não é uma máquina desinteressada ou desinteressada).

Subscribo plenamente esta bidimensionalidade, como também subscribo a de Castel quando contrasta o eixo do lugar do trabalhador na divisão do trabalho com o da participação da mesma pessoa em redes de sociabilidade (Castel 2001, 1995, 1991). Mas a questão principal, na minha opinião, é que estas dimensões bem como estes eixos podem ser percebidos e/ou experimentados como positivos ou negativos: quer se trate do trabalho ou da família e amigos, significados e comportamentos percebidos e experimentados como legítimos ou ilegítimos. Quando falamos de desqualificação no domínio do desporto, há exclusão na medida em que o atleta não tenha respeitado as regras de funcionamento do seu desporto.

Deve notar-se que a exclusão social não se refere à autodesqualificação, embora tal processo ocorra. No que diz respeito à desamortização, encontramos aqui um termo caro às associações, sindicatos ou partidos. A filiação implica tanto uma pressão externa (desde uma pressão amigável à proselitismo) como uma decisão interna (concordar em comprometer-se com uma causa colectiva, que vai para além de si próprio e na qual se acredita). Inversamente,

---

<sup>9</sup> ... aniversário acompanhado de uma auto-quarentina causada por múltiplas pressões, mas que não estavam ligadas a necessidades económicas e financeiras

<sup>10</sup> Discuti a importância da noção de identidade narrativa, proposta por Paul Ricoeur (1990), no artigo "Identidade e Exclusão" (Tap, 2005, pp.60-62).

<sup>11</sup> Pela experiência, diria que estas intervenções não se limitam aos serviços de assistência social (assistência social, assistência financeira, gestão do RMI, etc.). Também dizem respeito à polícia, médica (o Samu, serviços de emergência, hospitais psiquiátricos), bancária (bloqueio de contas, exclusão bancária), judicial, local (câmaras municipais), etc...

<sup>12</sup> Este nível corresponde precisamente ao nível "bio-psico-social" em que estou a falar. Mas a minha observação não é para ser polémica!

a desafiliação pode ser uma decisão externa (exclusão, excomunhão, etc.) e/ou uma decisão interna (não renovar o contrato ou cartão, desvincular-se voluntariamente). Destas poucas observações, podemos ver que há duas dimensões a articular: a que se opõe ao positivo e ao negativo e a que introduz o lugar de decisão, por controlo interno ou externo. Evidentemente, outras dimensões complicam esta simples<sup>13</sup> apresentação. Por exemplo, a oposição entre a actividade e a passividade dos excluídos, entre a consciência e a dificuldade de converter o próprio comportamento (deixar de fumar, etc.). Da integração à exclusão: das palavras às pessoas... na dor. Hoje em dia, cada vez mais pessoas experimentam dificuldades económicas, confrontadas com o desemprego e a deterioração das suas condições de vida. Estas dificuldades podem ser agravadas pela estigmatização da identidade. A estabilidade e o sentido de unidade incluídos na própria noção de identidade tornam-se impossíveis. Incerteza e instabilidade estão associadas a uma dinâmica generalizada de vitimização<sup>14</sup>; difundem-se nos diferentes ambientes de vida, bem como nas várias actividades do indivíduo. O estudo dos efeitos da exclusão justifica-se, portanto, em relação às experiências individuais, à mudança das práticas sociais e à mudança ou reforço dos valores culturais. As preocupações com estes efeitos atravessam todas as ciências humanas e dizem respeito a todos os sectores da vida social, particularmente os relacionados com o trabalho, a saúde e a educação. A exclusão é experimentada como abuso injusto. É importante saber se a luta contra os seus efeitos está realmente a ter lugar, e se os processos opostos de coesão, inserção ou integração estão a progredir em conformidade. Quando analisamos a forma como as noções de coesão, inserção e integração são utilizadas, não só na literatura de investigação sobre a exclusão, mas também nos discursos e documentos oficiais do governo, partidos políticos ou associações que supostamente devem encontrar soluções no terreno, é duvidoso que haja qualquer acordo sobre os processos envolvidos, quanto mais sobre os meios de evitar a exclusão e os seus efeitos. No entanto, as noções mencionadas fazem parte dos sistemas de representações e valores que guiam os discursos dos detentores do poder e das instituições socioeconómicas e sócio-políticas que dirigem. Mas são também implicitamente activos nas decisões e comportamentos que tecem a existência pessoal e relacional de cada cidadão. Por exemplo, notamos que o termo inserção está essencialmente ligado ao mundo profissional e que o termo integração é quase exclusivamente utilizado em relação aos imigrantes. Quanto ao termo coesão, que se tornou moda<sup>15</sup>, os autores raramente especificam o seu significado, como se fosse evidente por si mesmo. Por conseguinte, é importante propor definições suficientemente claras e diferenciadas. Se nos referirmos ao trabalho dos psico-sociólogos desde Lewin (1972), a coesão "é o conjunto de forças que atraem ou mantêm cada membro do grupo"<sup>16</sup>. Mas Cartwright e Zander (1968) especificam que quanto mais forte for a interdependência, mais os pontos de vista do grupo tenderão para a homogeneidade e mais desvios e desvios

---

<sup>13</sup> Não digo simplista, porque pensar aos pares (branco-preto, dia-noite, direita-esquerda, etc.), que Henri Wallon analisou bem nas crianças (1945), é certamente para ser ultrapassado, mas não para ser estigmatizado, excepto quando é utilizado não para discriminação-diferenciação (implicando respeito pelas diferenças), mas para discriminação-estigmatização (racismo, etc.)! (Note-se que a discriminação perceptiva da cor não é estigmatizante; a discriminação racial é). A língua desempenha um papel essencial na dinâmica de integração-exclusão-coesão. Mas este papel depende das ligações entre linguagem, acção, consciência e afirmação de valores.

<sup>14</sup> No artigo no Connexion (2005) lembrei a importância colectiva e individual deste processo de vitimização e as suas consequências para o comportamento.

<sup>15</sup> No que diz respeito a noções de moda como resiliência, projecto, coesão, etc., notamos que o seu aparecimento corresponde precisamente ao momento em que as actividades diárias das pessoas e instituições são vistas como alienantes, quando vivemos no dia-a-dia, sem antecipação ou projecto, quando imaginamos soluções para sair de uma situação insuportável que se repete. A moda parece portanto ser uma estratégia útil na luta contra esta mesma alienação: utopia, sonhos e soluções imaginárias podem por vezes devolver a esperança, e através dela os meios, individuais ou colectivos, para alcançar um "avanço".

<sup>16</sup> Germaine de Montmollin, 1977, p. 154 nota

serão sancionados. Na coesão, o grupo tem precedência sobre o indivíduo, na medida em que este último deve abandonar as suas especificidades e comprometer-se com a conformidade e o consenso. Evidentemente, a coesão não pode ser decretada. Só pode ser o resultado do trabalho nas funções de manutenção (do grupo) quando as forças de progressão (incluindo, mas não confundindo, as forças de produção) se tiverem decomposto.<sup>17</sup>

A noção de inserção implica a ideia de inclusão num território, de investimento num espaço colectivo. O sistema inserido tem um lugar, uma posição no sistema anfitrião. Está "incorporado", "intercalado", mas permanece claramente diferenciado. Não se funde com o todo. Por exemplo, o encarte de um livro não faz parte dele; pode ser removido. Finalmente, a noção de integração, como a sua etimologia sugere, implica a ideia de unidade, completude, integralidade. O sistema é integrado se houver "jogo", flexibilidade, na articulação e interdependência funcional entre os subsistemas (grupos ou pessoas); cada um destes subsistemas mantém uma identidade, posição e função diferenciadas. A verdadeira integração não pode portanto ser confundida nem com assimilação (onde os subsistemas já não são diferenciados), nem com diferenciação individualista ou sectária (onde os subsistemas já não estão suficientemente articulados entre si, com a afirmação a prevalecer sobre a integração). A integração é obviamente o oposto da exclusão, uma vez que implica a possibilidade de acolher novos membros que serão capazes de forjar ligações e gerir funções em relação aos antigos. O termo integração, como vimos, é utilizado em relação ao acolhimento de imigrantes, mas teoricamente aplica-se a todos os grupos e instituições internas (família, escola, empresa, bairro, região, país). A flexibilidade é, portanto, uma das características de um sistema integrador. A nível individual pode ser definida como a capacidade do indivíduo de desenvolver novas estratégias, de abandonar as antigas se estas se tiverem tornado ineficazes, irrelevantes ou perigosas, o que favorecerá uma boa adaptação. Esta flexibilidade adaptativa implica a capacidade de fazer concessões, de gerir exigências contraditórias da melhor forma possível.

## **Exclusão como uma dinâmica negativa**

Mas cheguemos à questão da própria exclusão. Segundo Castel, é uma palavra que abrange<sup>18</sup> um grande número de pessoas com características heterogéneas: os sem abrigo, os desempregados de longa duração, os deficientes, os jovens nos subúrbios. Pela sua parte, Paugam considera o termo exclusão como uma pré-noção, no sentido Durkheimiano, que é simultaneamente vago e equívoco. Mas também fala dela como um conceito-horizon na medida em que a exclusão permite compreender melhor os fracassos da socialização, analisar a reprodução das desigualdades e os seus limites, definir melhor o afrouxamento dos laços sociais e as suas consequências e, finalmente, especificar a intrusão das crises de identidade.<sup>19</sup> Mas estes dois autores sublinham a importância do juízo social na própria definição de exclusão. Paugam fala de desqualificação social<sup>20</sup> e Castel de invalidação social<sup>21</sup>. As pessoas não são realmente excluídas da sociedade, mas são categorizadas negativamente (estigmatização), e passam por um processo complexo de vulnerabilidade-desestabilização e desafiliação (Castel) ou fragilidade-assistência-dependência antes de chegarem à

---

<sup>17</sup> As forças de manutenção são aquelas que o grupo utiliza para resolver conflitos, para introduzir negociações e mediações e para manter a coesão necessária à realização de projectos comuns. Para agir, o grupo mobiliza as forças de progressão, que depois assumem o lugar das forças de manutenção.

<sup>18</sup> Castel, 2001, debate parte 1 p.2

<sup>19</sup> Paugam (2002, 2001, 1996)

<sup>20</sup> cf. o livro resultante da sua tese sobre "La disqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté" 2002, PUF coll. Quadrige

<sup>21</sup> 20 Mencionado no debate organizado pelo CNDP, cf. Castel (2001)



marginalização efectiva (Paugam). Mesmo os sem-abrigo que se cortam aos serviços sociais permanecem numa posição de solicitação, mendicidade e adopção de comportamentos diferentes em relação aos transeuntes (cf. os mendigos sem abrigo e os seus conflitos com os trabalhadores sem abrigo). A vida dos sem-abrigo pode ser difícil, como disse uma pessoa num website de sem-abrigo: "Nunca se acaba na rua por acaso. Há sempre uma história muito longa de antemão, por vezes remontando à infância. Para encurtar um pouco, digamos que um dia a pressão sobre os seus ombros atinge o ponto de ruptura. E quebra-se. Nesse dia, as pessoas à sua volta, preocupadas ou aliviadas por já não o verem, perguntam-se o que será de si. Caminha-se. Sem objectivo. Livre. Imensamente livre. O peso que o estava a esmagar desapareceu ao mesmo tempo... Está a borbulhar na sua cabeça. Sabe que não vai voltar atrás. Cada passo que se dá leva-o mais longe do seu passado, deixando para trás caixas de memórias em cada esquina. Não fazes ideia do que será de ti e isso faz-te rir. Durante algumas horas. Porque depois é cada vez menos engraçado. O estado de graça dura enquanto se gasta o dinheiro que ainda se tem, alguns dias na melhor das hipóteses. Depois, muito rapidamente, a reacção adversa torna-se ainda mais violenta porque foi atrasada. A tentação de se retirar do jogo pode então tornar-se forte. Pode cometer suicídio, o que tem a desvantagem de ser irreversível. Pode terminar mais lentamente com álcool, drogas e/ou moléculas mais ou menos alucinógenas. Dura o tempo que dura, quando dá não sobra muito para recuperar. Pode finalmente enfiar um par de coisas no fundo de um saco e seguir os seus pés. Bem-vindo ao clube"<sup>22</sup>. Como mostraram os profissionais psiquiátricos (médicos e assistentes sociais) e, por exemplo, as equipas ORSPERE<sup>23</sup>, os hospitais e clínicas são agora cada vez mais confrontados com um novo tema que associa a exclusão e o sofrimento psicológico. Os doentes atípicos, sofredores, dessocializados e precários chegam em número cada vez maior..." nos mecanismos de integração existentes, que se estão a revelar ineficazes. Ao longo dos anos, as políticas de integração social que têm sido implementadas têm mostrado os seus limites face à exclusão. Como um problema de saúde mental, esta aflição psicossocial põe em causa o sistema psiquiátrico público. Revela também a emergência de uma nova área de sofrimento psicopatológico para a qual as práticas psiquiátricas e psicoterapêuticas habituais estão a revelar-se inoperantes. Este sofrimento psicopatológico e psicossocial cruza inevitavelmente identidades. Os sem-abrigo são 90% homens. As diferenças culturais influenciam o sofrimento dos migrantes e exilados de <sup>24</sup>diferentes maneiras. A identidade é também posta em causa por doença (Tap, Tarquinio e Sordes-Ader (2002), etc.). Em qualquer caso, podem ser feitas duas suposições importantes;

- A primeira pode ser deduzida das observações anteriores: cada vez mais pessoas estão numa situação difícil, qualquer que seja a origem desta situação, e sentem um mal-estar social e psicológico, são confrontadas com uma angústia, um sofrimento psicossocial associado à "durabilidade dos processos de ruptura e exclusão, tanto a nível individual como colectivo", e que se traduz por uma "notável constante de fracasso". <sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> Não encontrei a referência Internet para este site, mas os testemunhos multiplicam-se na Web, para não falar das acções dos "filhos de Dom Quixote" ... e do seu humor ... "Sancho Pança, volta ... Dom Quixote está aqui!" ... pronto para lutar novamente contra os moinhos de vento!

<sup>23</sup> Cf. o website ORSPERE, pelo qual Jean Furtos é (ou foi) responsável: <http://www.ch-le-vinatier.fr/ORSPERE/publications/sante-mentale-exclusion.htm>

<sup>24</sup> Ver sobre este tema o excelente trabalho de Kaës e outros autores: *Différences culturelles et souffrances de l'identité* (1998). Cf. também os muitos contribuidores para o campo intercultural neste livro.

<sup>25</sup> Segundo o relatório Lazarus "Les souffrances qu'on ne peut plus cacher" (O sofrimento que já não pode ser escondido), a delegação interministerial para o RMI, este sofrimento diz certamente respeito a pessoas que vivem numa situação de grande precariedade, mas também ocorre face a dificuldades na socialização de crianças e adolescentes no ambiente familiar e escolar. Estão presentes no aumento da violência familiar, escolar e urbana, assim como em instituições de cuidados. Por seu lado, a população adulta sofre de um grande enfraquecimento da capacidade de entrar em relações, ela própria associada a um desinvestimento em si própria

- A segunda hipótese está associada ao facto de a noção de exclusão introduzir um juízo crítico da sociedade e dos seus órgãos instituídos, incapazes de gerir a coesão social e de facilitar a integração dos seus membros.

A noção de exclusão foi inicialmente limitada à pobreza extrema, mas hoje é alargada para incluir situações precárias: insegurança económica, instabilidade conjugal e familiar, dificuldade em gerir a ansiedade e o stress, dificuldade em adaptar-se à mobilidade, mudanças, limites ou pressões. Não se trata de evocar responsabilidade aqui (autoridades públicas, globalização, escolas ou empresas) ou ali (pessoas vulneráveis). Para compreender as ligações e conflitos entre identidades e exclusão, precisamos de introduzir noções mediadoras, de assumir a existência de processos que possam explicar as regulamentações e a ausência de regulamentações, as rupturas e as estratégias para as evitar ou gerir. Entre as que me vêm à mente estão: a sociabilidade e as redes de relações, os mecanismos de legitimação e autorização, a forma como se dá sentido à própria experiência, a forma como se escolhe as filiações que interessam a alguém ou a alienação que impede de escolher as filiações e as actividades que estão associadas a essas filiações. A noção de desafiliação evocada por Castel em relação à exclusão <sup>26</sup> não deve levar-nos a esquecer que a pessoa pode sofrer uma desafiliação profissional (desemprego, ser colocada no guarda-roupa, etc.) mas encontrar filiações compensatórias ou regenerativas noutros locais, ou simplesmente alternativas. É verdade, como Paugam nos lembra, que "as estatísticas provam que a exclusão económica é acompanhada por uma perda de sociabilidade e por uma menor participação na vida comunitária"<sup>27</sup>. Mas também é verdade que a imagem idealizada do trabalhador assalariado e o valor quase sagrado do trabalho já não são populares. Contudo, ainda penso que o trabalho pode ainda funcionar como uma experiência óptima, de acordo com a expressão cara a Rogers, e retomada hoje por aqueles que desenvolvem psicologia positiva (que é, claro, o oposto da psicologia positivista!)<sup>28</sup>. Creio que é útil apelar a eles para compreenderem melhor a experiência real das pessoas que vivem em situações difíceis.

## **Voltar a visões mais positivas de situações difíceis**

A psicologia positiva procura analisar as condições de acesso ao optimismo, à felicidade e ao bem-estar, mesmo em situações difíceis. Depois de Rogers e do seu livro "La relation d'aide et la psychothérapie" (2005, ESF), podemos mencionar Csikszentmihalyi e a sua teoria de fluxo (1990), traduzida para francês sob o título: "Vivre, la psychologie du bonheur" (2004). Entre os autores e obras americanas não traduzidos mas importantes estão: Argyle (2001), Peterson e Seligman (2004), Snyder, Lopez (2001), Gillham (2000) e em espanhol, Vera Poseck (2006). É interessante notar que Martin Seligman (1995, 1998, 2002), um dos líderes da psicologia positiva, foi durante anos o promotor mundial da investigação sobre aquilo a que chamou "desamparo aprendido" (ver 1974). Esta investigação inicial foi sem dúvida útil para compreender os processos depressivos, mas a mudança de Martin Seligman no sentido de compreender a dinâmica positiva do desenvolvimento humano, particularmente do optimismo, felicidade e bem-estar, é uma parte importante do esforço para contrariar a

---

e a um medo da esfera pública. Entre as pessoas que estão a receber assistência a longo prazo, há um aumento do número de sintomas psicológicos que são autenticados como tal. Como resultado de tudo isto, está a tornar-se cada vez mais difícil para os "psiquiatras" distinguir entre o mal estar dos excluídos e o dos doentes mentais devidamente reconhecidos (com base em artigos da ORSPERE)

<sup>26</sup> Castel (1999) *Les métamorphoses de la question sociale : une chronique du salariat* Paris Gallimard

<sup>27</sup> Referido durante o debate organizado pelo CNDP, ver Paugam (2001)

<sup>28</sup> Ver em particular o trabalho seminal de Mihaly Csikszentmihaly (2004).

vitimização/agressão prevalecente e para propor intervenções mais humanistas e humanitárias.

## **"Excluídos ou não ... eles querem sobreviver!"**

Como Sébastien Schehr (1999, 2001) salienta com razão, a vida não se limita ao trabalho ... E se se perde o emprego, é preciso continuar a viver ... Além disso, as dificuldades podem surgir de algo que não seja o desemprego, "distanciar-se, separar-se, a dissidência são (também) parte da vida". Mas o limite do insuportável vem quando os infortúnios se multiplicam. Como mencionado noutro local (Tap, Tarquinio e Sordes-Ader, 2002), a multiplicação de eventos stressantes (desemprego, doença, ruptura conjugal, mas também procedimentos administrativos e outras preocupações diárias) desempenha um papel significativo na forma como a pessoa pode lidar com a situação. As variáveis "identidade", tais como origem social, idade, sexo, etc., têm pouca influência no bem-estar, particularmente entre os adolescentes. Em vez disso, a natureza e quantidade das dificuldades diárias e dos grandes acontecimentos vividos pelos indivíduos em causa nos dois anos anteriores têm um grande impacto na queda do bem-estar. A queda no nível de bem-estar subjectivo tende a acelerar após dois ou três eventos (Grob)<sup>29</sup>. Este resultado lembra-nos obviamente que a resiliência tem os seus limites<sup>30</sup>; mas levanta também a questão da própria origem da multiplicação das dificuldades: são coincidências infelizes, acidentes provocados pela pessoa e que se multiplicam com a acentuação da sua vulnerabilidade, ou são efeitos sociais através de atitudes e comportamentos baseados na rejeição e estigmatização dessa mesma pessoa?

## **Da Sobrevivência à Vida ... Ou a gestão positiva de situações difíceis.**

O "tema negativo", como diz Schehr (1999, 2001), está geralmente associado à suposição de que o sem-abrigo não está a fazer o que deveria para resolver os seus problemas e para se defender contra as situações com que é confrontado, mas também para lutar contra a parte destrutiva de si próprio. A evolução da consciência e o reconhecimento da complexidade das causas de exclusão levou ao abandono da imagem da pessoa excluída apenas como preguiçosa e anti-social. No entanto, a imagem (americana) da oposição entre "vencedores" e "perdedores" é ainda muito forte nas representações populares. A concepção inicial da resistência 'invulnerável' baseou-se também nesta representação. "Para sair dela, é preciso ..." agir, concentrar-se no problema e não nas emoções que ele provoca, assumir a responsabilidade, etc. Como diz Schehr: "Só conseguimos pensar nos outros através dos olhos de uma figura ideal típica, uma espécie de ideal do ego produtivista...; (deveríamos, por exemplo) conseguir pensar nos outros, nos desempregados ou nos precários, sem o espelho deformador do modelo operário. Mas não se trata apenas de representações, como vimos com Paugam, devemos ter em conta os significados, os comportamentos reais e, em particular, os modos de adaptação das pessoas em situações de exclusão. Schehr concorda com isto quando propõe reconhecer as competências dos chamados "desqualificados" e reconhecer o seu direito à "desqualificação". Isto é também o que Garnier-Muller (2000, 2001) defende depois de falar com os sem-abrigo. Segundo ela, "os pobres nunca são passivos, reconstróem formas de integração social e hierarquias informais... A sobrevivência na precariedade pressupõe a invenção ou recomposição de laços sociais"... "Os nossos campos de investigação, longe de

---

<sup>29</sup> Grob, A. (1996) Entwicklung und regulation des subjektiven wohlbehindens (manuscrito de habilitação. Universidade de Berna), 69p

<sup>30</sup> Sobre a resiliência e as suas ligações à exclusão, ver as excelentes obras de Boris Cyrulnik (1999, 2001 em particular). Ver também Tap (2005), Vinay, Esparbès-Pistre e Tap (2000).

serem lugares de apatia social, são um universo de comportamentos borbulhantes... (Os pobres) não estão reduzidos a agarrar-se aos pedaços da ligação social, têm as suas próprias formas de socialização, autorizando algo mais do que a resignação, apesar das dificuldades" ... E acrescenta "a mendicidade, o tráfico em pequena escala são outra forma de organização e integração social e económica" ... Estas pessoas têm formas muito diferentes de ser. Estes podem manifestar-se na organização da sobrevivência, ou em actos de "pequenos delitos", ou agressão dependente, ou na adaptação invisível a uma pobreza experimentada como vergonhosa. A questão está portanto associada à forma como "qualificamos" ou "desqualificamos" estes comportamentos: ou os assimilamos ao "sistema d" (sistema scavenger), como após a última guerra, ou os integramos na categoria de actos criminosos. Em todos os casos, levanta-se a questão da difícil transição entre comportamentos repressivos baseados no julgamento 'desqualificante' e comportamentos de assistência a pessoas em perigo, baseados no julgamento de 'vitimização'. Podemos referir a dificuldade da polícia ou das autoridades locais que são constantemente obrigadas a 'desalojar' os sem-abrigo que vieram viver em tal e tal lugar durante a estação fria (com ou sem a ajuda de Dom Quixote!). Desalojar pessoas sem abrigo é engraçado, mas também é triste, mesmo que eu compreenda a preocupação dos agentes da lei, bem como dos políticos. Se o indivíduo dificilmente pode lutar eficazmente contra a exclusão de que é ou não vítima, é importante ver como utiliza os seus recursos internos (resiliência, capacidade de controlar e reflectir criticamente sobre a situação, capacidade de lidar ou de gerir positivamente o stress, etc.). Mas também é importante para aqueles que querem ajudá-los ver que efeito tem a ajuda que recebem, ou podem receber (recursos externos): apoio da família e amigos, conhecidos ou serviços públicos responsáveis por receber e apoiar pessoas em dificuldade.

## **Exclusão e resiliência <sup>31</sup>**

Diz-se que uma pessoa é resiliente:

1. se tiverem vivido uma situação extrema, um acontecimento com elevado risco de disfunção, um "abuso" causador de elevado stress e efeitos geralmente perturbadores;
2. se conseguiu ultrapassar esta situação, viver este acontecimento sem grandes efeitos perturbadores no seu desenvolvimento psicológico e social. Isto é verdade ao longo da vida, porque o desenvolvimento não pára na adolescência!

Uma das primeiras análises dos efeitos psicológicos de uma situação extrema foi feita pelo psicanalista americano Bruno Bettelheim. Em *Surviving* (1979), afirma: "encontramo-nos numa situação extrema quando somos subitamente catapultados para um conjunto de condições de vida em que os nossos velhos valores e mecanismos de sobrevivência já não funcionam e alguns deles põem mesmo em perigo a própria vida que deveriam proteger... O súbito e simultâneo colapso de todas as (nossas) defesas contra a ansiedade de morte precipita-nos naquilo a que chamei, por falta de um termo melhor, uma situação extrema" (op. cit. , 24). A pessoa resiliente seria, portanto, aquela que sobreviveu à situação extrema. Bettelheim evoca duas fases neste processo de 'sobrevivência', duas fases distintas e no entanto muito associadas:

---

<sup>31</sup> Repito aqui, com algumas alterações, o que desenvolvemos com Marie-Christine Llorca para a revisão CREAM-PACA "Au fil du mois" na edição especial sobre "o processo de exclusão" (2004). Gostaria de agradecer a Marie-Christine Llorca e Philippe Pitaud, que foi responsável pelo assunto (ver Tap e Lorca 2004).

- o trauma original associado a um regime extremo de terrorismo<sup>32</sup> e que na altura provoca a degradação da personalidade, a destruição da vida social anterior por privação de apoio;
- os efeitos subsequentes, em termos de vulnerabilidade, sobre toda a vida da pessoa.

O sobrevivente pode então reagir de três maneiras:

- 1. *Deixar-se destruir pela experiência*, uma atitude baseada num sentimento de incapacidade de se reconstituir, na culpa e num sentimento de injustiça percebida: "Sofri tanto, e ainda por cima tenho de me justificar, de ser responsável!"
- 2. *Negando quaisquer consequências duradouras*. A pessoa não nega o facto histórico vivido, mas nega, reprime ou reprime tudo o que possa estar ligado aos efeitos actuais; recusa a ideia de uma necessária reestruturação pessoal ou de uma inevitável reestruturação relacional, axiológica ou cultural. Este processo pode ser consciente (negação), preconsciente (negação, repressão) ou inconsciente (repressão);
- 3. *Lutar para permanecer consciente e tentar lidar com as dimensões mais terríveis para ele, e ser capaz de se reintegrar (reconstituir-se)*<sup>33</sup>.

Estes processos parecem-nos aplicáveis a muitas situações<sup>34</sup>, especialmente aquelas ligadas à exclusão, qualquer que seja a sua forma. Em tais momentos de angústia, o sentido e o objectivo da vida é forçado à consciência das pessoas em questão. É como se nos preocupássemos apenas com o propósito da vida e o significado da nossa identidade quando estamos angustiados, quando nos encontramos numa situação insuportável. Como aponta Bettelheim (1979), esta busca permitir-nos-ia compreender o verdadeiro significado da nossa provação, ou incidentalmente da dos outros, porque "a pior das provações é suavizada assim que se acredita que o estado de angústia é reversível e que certamente terá um fim" (op.cit. 15). Se a vida perde todo o sentido, a pessoa sente que o suicídio é uma solução fatal. Mas a tentação de cometer suicídio está na maioria das vezes associada a um grito desesperado de ajuda, de obter uma resposta dos outros para recuperar o sentido da própria vida, que é o único antídoto para o suicídio se estiver ligado ao amor e à ajuda dos outros (mesmo que a pessoa fuja e rejeite essa ajuda). De facto, pode-se considerar que, ao longo da sua vida, a pessoa é confrontada com múltiplos problemas, deve gerir ou superar múltiplos conflitos. Estes conflitos facilitam mesmo a sua dinâmica subjectiva (sendo um sujeito que não é subjugado ou alienado) e a sua capacidade pessoal de fazer escolhas, de se orientar através de projectos, de dar sentido às suas próprias dificuldades. Não devemos esquecer, evidentemente, que esta pessoa vive e progride em contextos sociais que incluem os seus sistemas de regras (instituições) e propagam sistemas de valores (culturas) harmonizados ou opostos. Por outras palavras, as estruturas sociais trazem consigo significados que são legitimados por obras culturais, sistemas de crenças e explicações do mundo e da vida, que a pessoa irá apropriar-se, transformar ou rejeitar. Do mesmo modo, as mudanças sociais influenciam necessariamente as mudanças pessoais. É importante analisar estas ligações dinâmicas (Esparbès-Pistre e Tap, 2001). O constante confronto de sujeitos e instituições provoca, entre o primeiro e o segundo,

---

<sup>32</sup> Em 1943, Bettelheim publicou um artigo intitulado Individual e Comportamento de Massa em Situações Extremas e começou com as seguintes informações: "O autor passou aproximadamente um ano, entre 1938-1939, nos dois maiores campos de concentração alemães para prisioneiros políticos, Dachau e Buchenwald".

<sup>33</sup> É de notar aqui que Bettelheim fala de integração psíquica (ou reintegração). Mas a definição de integração aplica-se tanto ao sistema pessoal como ao sistema da sociedade. O que muda, evidentemente, é a natureza do sistema, os subsistemas, bem como os modos de funcionamento e de regulação.

<sup>34</sup> Pode parecer inaceitável comparar a vida dos excluídos com a dos prisioneiros dos campos de concentração a que Bettelheim se refere (depois de ele próprio ter vivido em dois desses campos). Mas a natureza extrema de uma situação não depende apenas das condições objectivas; depende também, como vimos, da forma como a pessoa experimenta estas condições e acrescenta emoções e sentimentos (ansiedade, stress, sentimentos de injustiça e insuportável) que podem sufocá-lo e forçá-lo a fugir desta experiência extrema, tanto dentro como fora.

uma verdadeira "interstrução" (Baubion-Broye, Malrieu e Tap, 1987). Não há apenas interacção ou transacção, mas também estruturação ou desestruturação recíproca. Num artigo intitulado "Resiliência ou a luta pela vida", Serge Tisseron (2003), psicanalista e psiquiatra, entra em guerra com a noção de resiliência, que associa à luta pela vida querida à mentalidade americana. A resiliência, por estar associada a um "ego autónomo", seria um exemplo que favoreceria o sucesso dos mais capazes, de acordo com a concepção darwiniana. Contudo, do ponto de vista americano, o sucesso é equivalente à virtude. O autor faz três críticas à noção de resiliência:

1. Isto é ambíguo, porque mascara a fragilidade das defesas desenvolvidas pela pessoa para lidar com o trauma. A resistência psíquica pode mudar de uma forma imprevisível. A resiliência é "nunca sólida".

2. A resiliência também mascara a grande variedade de mecanismos de defesa concebidos para combater as consequências do trauma. Alguns mecanismos são concebidos para afirmar escolhas pessoais, enquanto outros, pelo contrário, acentuam a dependência incondicional do Outro, do grupo.

3. A resiliência abrange os processos de adaptação do trauma que podem beneficiar a "antiga vítima" e o seu séquito, ou beneficiar a pessoa à custa do seu séquito. O mito da redenção não estaria longe, "sendo suposto a pessoa resiliente ter superado a parte escura do seu sofrimento para manter apenas a parte gloriosa e luminosa".<sup>35</sup>

Mas a superação bem sucedida de um trauma não significa que todos os vestígios de ódio, de violência em troca contra os agressores tenham desaparecido. O regresso da ligação social pode ter "adormecido, por tempo indeterminado, o monstro que espreita nas profundezas de personalidades feridas". O autor conclui especificando que os psicanalistas que estavam interessados na resistência do trauma (Ferencsi, Anna Freud, Winnicott) desistiram de classificar sob o mesmo termo fenómenos que resultam mais do ambiente do que das potencialidades psíquicas de cada pessoa. Vários autores mencionam o facto de que o mesmo processo psicológico pode levar ao melhor ou ao pior em termos morais ou sociais. Malrieu (2003) mostra que o processo de personalização estava também em curso numa SS que tinha deixado a sua condição anterior e encontrado no seu compromisso fascista um meio de valorização social e de coerência pessoal. Além disso, Michel Hanus, psicanalista e psiquiatra, no seu livro intitulado "La résilience, à quel prix? Survivre et rebondir" (2001) analisa exemplos de resiliência de pessoas confrontadas com situações difíceis, nomeadamente crianças, que, longe de se encontrarem em colapso, parecem desenvolver, nestas provações, capacidades reais de resistência e mesmo de realização. O interesse destas observações é mostrar que todos têm recursos escondidos que podem ser mobilizados nestas circunstâncias traumáticas e que o pior nunca é certo. "No entanto, não devemos subestimar a realidade da ferida emocional subjacente, que ainda não sarou. Estamos, portanto, confrontados, em relação à resiliência, como estávamos em relação à identidade, com uma noção paradoxal que inclui múltiplos significados, mas que introduz uma questão importante: a da confiança ou desconfiança nas pessoas, processos psicológicos, atitudes e mecanismos humanos. Podemos decidir que a profundidade da alma humana é 'monstruosa' ou 'naturalmente boa', que a vítima pode tornar-se executora (através da identificação com o agressor) ou repetir a sua vitimização. Trabalhar na trilogia agressor/víctor/resiliente implica a aceitação de uma complexidade onde cada pessoa não é toda preta e a outra toda branca, onde cada pessoa está ao mesmo tempo em busca de amor, poder e reconhecimento, e onde a história pessoal é tecida a partir da ligação social e do processo narcisista, inseparavelmente. Nem podemos dissociar os processos psico-sociais da natureza dos sentimentos em relação

---

<sup>35</sup> Esta última observação introduz a crítica ao maniqueísmo de resiliência subjacente: vencedores-vítimas, força escura-força-luz, um maniqueísmo tornado explícito directamente num filme do tipo Guerra das Estrelas!

aos valores e à dinâmica das relações entre estes valores (científicos, éticos, estéticos, legais e relacionais). Para concluir sobre este ponto, é de notar que o interesse do público em geral na noção de resiliência deve ser tido em conta. É fundamentalmente entendido como um apelo à esperança. "Se aqueles que viveram situações extremas não foram destruídos por eles, então eu também posso esperar, posso ver o fim do túnel. A esperança é, de certa forma, uma ilusão que nos mantém vivos. Mas tem necessariamente de ser equilibrada pela antecipação e a realização de projectos.

## **Exclusão e recursos externos: apoio social**

O indivíduo pode compensar os efeitos negativos de situações objectivas de perda através dos acordos de apoio social que recebe. A investigação baseada na noção de apoio social (ou apoio social relacional) fornece informação sobre as propriedades funcionais das redes e concentra-se nas redes que são significativas para o indivíduo, ou seja, grupos sociais que são simbólica e emocionalmente importantes para o indivíduo: para que servem as redes, será que ajudam realmente em situações difíceis, serão acessíveis, ou como é que as pessoas as utilizam?

A rede primária (amigos e família) é uma fonte principal de apoio social; é um espaço intermediário ou espaço tampão<sup>36</sup> entre o micro e o macro social através do qual o indivíduo pode ser integrado na sociedade e construir a sua identidade graças ao apoio informativo e normativo da rede. Desempenha o papel de rede do trapezista, o que permite evitar ser assumido por redes (sociais) secundárias em caso de dificuldade (doença, desemprego). A noção de apoio social implica que cada indivíduo precisa de estar socialmente bem inserido. A sua rede deve ser suficiente, bem configurada e bem estruturada. A questão que se coloca é a definição de uma boa rede. A existência de uma rede primária de apoio ao actor social parece ser ainda mais decisiva se funcionar, se der a capacidade de enfrentar problemas e riscos sociais. Os efeitos patológicos da exclusão ou marginalização podem ocorrer dentro destas redes porque "estas unidades mais pequenas do corpo social devem ser consideradas como portadoras tanto dos seus problemas como das suas soluções". Tal como a rede pode "deixar de responder" quando a pessoa desvalorizada por doença ou desemprego já não pode manter o seu lugar num sistema que envolve paridade ou reciprocidade. Donati (1994: 83) salienta a ligação entre redes formais e informais. "A mistura formal-informal parece cada vez mais vital para o funcionamento normal das relações sociais", enfatizando assim a paleta social necessária das relações do indivíduo, que vão desde relações íntimas estreitas a relações institucionais mais soltas e mais distantes, cada uma cumprindo papéis diferentes. Parece que a apropriação dos apoios oferecidos por uma rede faz parte de um todo estratégico maior e que o indivíduo será mais ou menos um beneficiário ou concentrar-se-á num tipo particular de ajuda de acordo com as suas necessidades. O efeito dos apoios sociais é de facto modulado pelo significado atribuído à situação. Mostrámos (Tap e Vasconcelos, 2004) <sup>37</sup>que existem mecanismos psicossociais que podem explicar os efeitos diferenciados da insegurança no emprego. O modo de solicitação e registo em redes relacionais informa-nos tanto sobre as áreas de actividade que a pessoa valoriza como sobre a função de constrangimento ou recurso dos laços sociais. (Cazals-Ferré, M.P., Llorca, M.C, 2002). Algumas estratégias centram-se na importância dos laços relacionais e minimizam o papel do trabalho. Neste caso, a menção de trabalho só é esboçada porque o trabalho é colocado em segundo lugar na hierarquia de

---

<sup>36</sup> Este é o efeito "tampão". Ver por exemplo Plancherel, Bolognini e Nuñez, 1999

<sup>37</sup> Nesta investigação colectiva franco-portuguesa (Toulouse / Coimbra), demonstrámos que existem diferenças psicológicas e psicossociais entre pessoas em situações precárias e as que não têm dificuldades socioeconómicas, mas que não são tão fortes como poderíamos ter suposto.

objectivos. A utilização de todas as redes, próximas, amigáveis, formativas e profissionais, combina ligações formais e informais e apoia continuamente a situação de transição (desemprego) que não é experimentada como uma ruptura. Esta concepção de apoio social está associada a um modelo de amortecimento (Cobb e Kasl, 1977, Cohen e Wills, 1985). Este modelo argumenta que o apoio social tem um impacto indirecto na saúde.

## **As ligações entre auto-estima e apoio social como meio de combater a exclusão**

O apoio social só é de facto benéfico se corresponder às necessidades e expectativas da pessoa que enfrenta uma determinada situação aversiva. Além disso, a acção do apoio só é eficaz se o stressor for de alta intensidade e se o "receptor" perceber uma coerência entre as características do problema, o tipo de apoio (emocional, material) e a fonte (família, amigos, colegas). Em alguns casos, contudo, o apoio social, em vez de ser "moderador", tende a causar um aumento do stress e reacções agressivas.<sup>38</sup> De acordo com Nadler e Fisher (1986), a sociedade ocidental exige que as pessoas sejam infalíveis e auto-suficientes. Motiva as pessoas a partir de um modelo 'positivo' de autonomia e competição. Pedir ajuda é então percebida, já na escola, como prova de incompetência e inadequação. É claro que este processo de influência pode ser combatido por métodos educativos, pedagógicos e relacionais que dirigem a relação de ajuda de forma diferente. Mas quando o indivíduo tiver aprendido sistematicamente a associar a sua dignidade pessoal, a sua auto-estima à tarefa, sentirá a sua dignidade questionada e o seu valor pessoal ameaçado quando outros lhe quiserem dar apoio. Os autores contrastam então duas perspectivas. A primeira, a perspectiva clássica da vulnerabilidade, assume que uma pessoa com uma baixa auto-estima não ousará pedir ajuda (- - estratégia)<sup>39</sup>; inversamente, uma pessoa com uma boa auto-imagem achará natural pedir ajuda (++ estratégia). Na segunda, pelo contrário, na perspectiva da coerência, a pessoa com uma boa auto-imagem sentir-se-á ameaçada pela ajuda dos outros e evitará pedir ajuda (+ - estratégia); inversamente, a pessoa com uma baixa auto-estima dirigir-se-á aos outros como superiores a quem é natural pedir ajuda (- + estratégia). As quatro estratégias existem, sem dúvida, na realidade. Podem também seguir-se uns aos outros no mesmo indivíduo, dependendo do período da sua vida. As duas noções mencionadas por Nadler e Fisher (auto-estima e coerência) são duas das principais dimensões de qualquer identidade: positividade (auto-estima, sentimento de valor pessoal) e unidade (coerência, consistência) (Tap, 1991, 1993). Contudo, face à exclusão, ocorre uma crise de identidade que frequentemente corre o risco de se traduzir em violência, contra si próprio ou contra os outros. Em conclusão, deve notar-se que a identidade é sempre gerida entre o psíquico e o social, do eu e do outro, mesmo quando as pessoas se querem isolar ou são forçadas a fazê-lo para escapar ao insuportável.

## **Referências Bibliográficas**

Abric, J.-C. (ed.), *Exclusion sociale, insertion, prévention*, Toulouse, Eres, 2003.

Argyle, M. (2001). *A Psicologia da Felicidade*. Routledge.

---

<sup>38</sup> Na sequência desta observação, continuar a associar o apoio social ao termo "moderador" é questionável. O termo "modulador" seria mais apropriado. Isso significaria que o apoio social pode aumentar ou diminuir o stress, aumentar ou diminuir os riscos ou as protecções.

<sup>39</sup> O primeiro sinal representa auto-estima (+ ou -), o segundo sinal representa atitude de apoio social (+ ou -)



- Baubion-Broye, A., Malrieu, P. & Tap, P. (1987). L'interstructuration du sujet et des institutions, *Bulletin de Psychologie*, 379, 5-9, 435-447.
- Bettelheim, B. *Sobrevivendo*. (tradução francesa), Paris, Robert Laffont 1979 (1ª edição, 1952)
- Cartwright, D., Zander, A.F. (Eds). *Dinâmica de grupo: Investigação e teoria*, New-York, Harper & Row, 1968 (3ª edição).
- Castel, R. De l'indigence à l'exclusion: la désaffiliation. Em J. Donzelot *Face à l'exclusion*, Paris, Esprit, 1991.
- Castel, P. *Les métamorphoses de la question sociale, une chronique du salariat*, Paris, Fayard, 1995.
- Castel, P. Participação na mesa redonda educacional CNDP/ Alternatives économiques: "L'exclusion existe-t-elle? Março de 2001
- Castra, D., *L'Insertion professionnelle des publics précaires*, Paris, Puf, col. "Le travail humain", 2003.
- Cazals-Ferré, M.P. e Llorca, M.C. L'impact de la précarité sur la vulnérabilité et la santé des individus, *Pratiques psychologiques*, n° spécial Précarités, n°4, Paris, P.U.F. p. 51-65. 2002
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Fluxo: A Psicologia da Experiência Ótima*. Harper Collins Publishers. Tradução francesa: *Vivre, la psychologie du bonheur* (2004, Laffont) (2005, Pocket).
- Cyrułnik, B. *De chair et d'âmes*. Paris, Odile Jacob, 2006 Cyrułnik, B. *Parler d'amour au bord du gouffre*. Paris, Odile Jacob, 2004
- Cyrułnik, B. *Le murmure des fantômes*. Paris, Odile Jacob, 2003 Cyrułnik, B. *Les vilains petits canards*. Paris, Odile Jacob, 2001
- Cyrułnik, B. *Un merveilleux malheur*. Paris, Odile Jacob. 1999
- Donati, P. (1994) La prospective relationnelle dans l'intervention de réseau: fondements théoriques. Em Sanicola, L. dir. *L'intervention de réseaux*, (pp. 61-109), Paris, Bayard.
- Donzelot, J. *Face à l'exclusion*, Paris, Esprit, 1991.
- Dupriet R., Ladsous J., Leroux D., Thierry M., *La Lutte contre l'exclusion: une loi, des avancées, de nouveaux défis*, ENSP, Rennes, 2002.
- Emmanuelli X., *L'exclusion peut-elle être vaincue ?* Paris, Laffont, 2003
- Esparbès-Pistre, S. e Tap, P. Identidade, projecto e adaptação na vida adulta. *Carrièrerologie Revue Internationale Francophone*, vol. 8, n° 1, 2001, 133 - 145.

Garnier-Muller, A. Les Inutiles: survivre en banlieue et dans la rue. 2000 Paris, Ed. de l'Atelier.

Garnier-Muller A. Participação na mesa redonda educacional CNDP/Alternatives économiques: "Será que existe exclusão? Março de 2001.

Gillham, J.E. (The Science of Optimism and Hope: Research Essays in Honor of Martin E. P. Seligman. 2000, Radnor, PA: Templeton Foundation Press.

Grob, A. Enwicklung und regulation des subjektiven wohlbefindens. Manuscrito de reabilitação, Universidade de Berna, 69 páginas, 1996b.

Hanus, M. Resilience a que custo? Survivre et rebondir. Paris, Maloine, 2001

Kaës, R. et alii Différences culturelles et souffrance de l'identité, Paris, Dunod

Llorca, M.C., Cazals-Ferré, M.P. Poussin, M. Integração e apoios sociais em P. Tap e M. de L. Vasconcelos. Precariedade e vulnerabilidade psicológica. Comparaisons franco-portugaises, (pp. 71-88), Toulouse, Erès 2004

Malrieu, Ph. La construction du sens dans les dires autobiographiques, Toulouse, Erès.

Montmollin, G. de L'influence sociale. Fenómenos, factores e teorias. Paris, P.U.F. 1977

Nadler, A., Fisher, J.D. O papel da ameaça à auto-estima e do controlo percebido nas reacções dos beneficiários à ajuda: desenvolvimento teórico e validação empírica. Em L. Berkowitz (ed.) Advances in Experimental Social Psychology, vol. 19, (pp. 81 - 123), New-York, Academic Press.

Parizot, I., Soigner les exclus. Identités et rapports sociaux dans les centres de soins gratuits, Paris, Puf, "Le lien social", 2003.

Paugam, S. La société française et ses pauvres, Paris: P.U.F.1993

Paugam S. L'exclusion, l'état des savoirs, Paris, La Découverte. 1996

Paugam, S. (2001) Participação na mesa redonda educacional CNDP/Alternatives économiques: "Será que existe exclusão? Março de 2001.

Paugam, S., La Disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté, Paris, Puf, 2002, 2ª edição.

Peterson, C. e Seligman, M. E. P. (2004). Forças e Virtudes dos caracteres: Um Manual e Classificação. Imprensa da Universidade de Oxford.

Plancherel, B., Bolognini, M. e Nunez, R. A Hipótese do Efeito Tampão na pré-adolescência. Em M. Bolognini, B. Plancherel, R. Nuñez e W. Bettschart Pré-adolescência. Teoria, investigação e clínica.

Ricoeur, P. Soi-même comme un autre. 1990, Paris, Seuil 24

Rogers, C. The help relationship and psychotherapy 2005, Paris, ESF

Schehr, S. La vie quotidienne des jeunes chômeurs. 1999, Paris, PUF

Schehr, S. Participação na mesa redonda educacional CNDP/Alternatives économiques: "Será que existe exclusão? Março de 2001

Seligman, M.E.P. Depressão e desamparo aprendido em Friedman, R.J. e Katz, M.M. (eds.) A psicologia da depressão: a teoria contemporânea e a investigação. 1974, NY. Wiley.

Seligman, M.E. P. Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment. 2002, NY Free Press.

Seligman, M.E.P. Learned Optimism. 1998, Nova Iorque: Pocket Books (Simon and Schuster).

Seligman, M.E.P. A criança otimista: um programa comprovado para proteger as crianças contra a depressão e construir uma resiliência para toda a vida. 1995, NY Harper Perennial.

Seligman, M.E.P., Reivich, K., Jaycox, L., & Gillham, J. The Optimistic Child. 1996, New York: Harper Collins.

Snyder, C.R., e Lopez, S. J. Handbook of Positive Psychology. 2001,Oxford University Press.

Sordes-Ader, F. & Tap, P. Insegurança e vulnerabilidade socio-económica, Pratiques psychologiques 2002, 4, 66- 78

Tap, P. Socialisation et construction de l'identité personnelle. Em H. Malewska-Peyre e P. Tap La socialisation de l'enfance à l'adolescence. 1991, Paris, P.U.F.

Torneira, P. Crise de identidade, depressão e toxicodependência na adolescência. Em P. Tap e H. Malewska - Peyre (eds.) Marginalities and socialization disorders. 1993, Paris, P.U.F.

Tap, P. Identidade, reconhecimento e a relação de trabalho. Número especial "Uma sociologia da acção". L'engagement de Renaud Sainsaulieu". Sociologie, Pratiques. 2003, nº 8, 69-75.

Torneira, P. Identidade e exclusão. Connexions, 2005, No. 83, pp. 53 - 78.

Tap, P., Beaumatin, A., Esparbès, S., Michon-Tap, C. Insertion et Intégration sociales: des notions aux pratiques. Annales de Vaucresson, 1990, nº 32 - 33, pp. 69 - 81.

Tap, P., Llorca, M.C. Exclusão, pobreza, integração, violência, resiliência e apoio social: dos conceitos às práticas. Edição especial" Processus d'exclusion ", Revue Au fil du mois ... CREAÍ PACA, 2004, pp. 7 - 17.

Tap, P., Tarquinio, C. e Sordes-Ader, F. Health, Illness and Identity in G.N. Fisher Traité de psychologie de la Santé, 2002, (pp. 135 - 162), Paris, Dunod.

Torneira, P., Vasconcelos M. de L. (sob a direcção de), Précarité et vulnérabilité psychologique, comparaisons franco-portugaises. 2004 Toulouse, Erès, 247 p. (Versão portuguesa: Precariedade e vulnerabilidade psicológica, Comparações franco-portuguesas. 2004 Coimbra, Fundação Bissaya Barreto, 287 p.).

Tisseron, S. Ces mots qui polluent la pensée : " Résilience " ou la lutte pour la vie. [www.monde-diplomatique.fr](http://www.monde-diplomatique.fr) ; Août 2003.

Vera Poseck, B. Psicologia Positiva: uma nova forma de entender a psicologia. Papeles del Psicólogo vol. 27: 3-8, 2006

Vinay, A., Esparbès-Pistre, S., Tap, P. Estratégias de fixação e coping no indivíduo resiliente. International Journal of Family Education. Edição especial sobre resiliência, 4, 1, 9-36.

Wallon, H. Les origines de la pensée chez l'enfant 1945, Paris, PUF.